

CADERNOS DE ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA

37

Editorial Franciscana
BRAGA - 2009

Ficha Técnica

Coordenador:

Fr. José António Correia Pereira, ofm

Editorial Franciscana

Apt. 1217

4711-856 BRAGA

Tel. 253 253 490 / Fax 253 619 735

E-mail: edfranciscana@editorialfranciscana.org

Edição on-line no site:

www.editorialfranciscana.org

Capa:

Desenho de Fr. José Morais, ofm

Edição:

Editorial Franciscana

Propriedade:

Província Portuguesa da Ordem Franciscana

Depósito Legal: 14549/94

I. S. B. N.: 972-9190-46-1

Cademo 37- 2009

Cada número dos Cadernos é vendido avulso

Índice

I – Estudos

1. *Fr. Salimbene de Adam de Parma*
— Crónica de Salimbene de Adam 5
2. *Fr. Martín Carbajo Núñez, ofm*
— Actualidade de Duns Escoto na sociedade de informação 53

II – Documentos

1. *Discurso do Papa Bento XVI à Família Franciscana no Capítulo Internacional das Esteiras* 81

**ACTUALIDADE DE DUNS ESCOTO
NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO***

Martín Carbajo Núñez, OFM

ACTUALIDADE DE DUNS ESCOTO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO*

Sete séculos depois da morte, o beato João Duns Escoto é um modelo atraente na sociedade da informação¹, tanto pelo seu pensamento como pela sua atitude vital. De facto, apesar das limitações que impõem a distância e a diversidade da época em que viveu², Duns Escoto oferece bases seguras para estabelecer relações pacíficas num mundo cada vez mais interdependente.

Para aprofundar esta ideia, indicaremos a necessidade de diálogo no nosso mundo mediático, para mostrar depois como a doutrina de Escoto pode impulsionar a abertura dialogal com o Outro e com os outros na sociedade actual.

* O presente artigo, aqui reproduzido e revisto pelo autor, foi publicado em *Giovanni Duns Scoto. Studi e ricerche nel VII Centenario della sua morte*. In onore di P. César-Saco Alarcón. A cura di Martín Carbajo Nuñez (Medioevo, 15). Roma, Edizioni Antonianum, 2008, vol. II, 471-506.

¹ A expressão “sociedade de informação” designa o tipo de colectividade que está emergindo nas últimas décadas com o patrocínio das tecnologias de informação como elemento fundamental nas actividades sócio-económicas. Sobre o advento da sociedade de informação e sobre as causas que a provocam veja-se: R. WHITAKER, *The end of privacy. How total surveillance is becoming a reality*, New York 1999, 48.

² Cf. C. KOSER, “El carácter práctico de la teología según Juan Duns Escoto”, Carta del Vicario general OFM en el VII centenario del nacimiento de Juan Duns Escoto, 15-08-1966, in *Verdad y vida* 24 (1966) 15-25.

I. Duns Escoto e a necessidade de diálogo hoje

A nossa sociedade oferece inúmeras possibilidades de comunicação à distância (Internet, MCS³) e de encontro interpessoal (migrações, turismo, viagens), mas cria também particularismos e discriminações.

A) DUNS ESCOTO, MODELO DE DIÁLOGO

Neste contexto ambivalente, Duns Escoto pode servir de modelo e de base teórica para potenciar o diálogo e a abertura gozosa a Deus, aos demais e à criação. Não é em vão que o doutor Subtil foi posto, pelo Magistério recente, como exemplo de diálogo interreligioso e intercultural.

“Na nossa época, rica em imensos recursos humanos, técnicos e científicos [...], o beato Duns Escoto apresenta-se [...] mestre de pensamento e de vida para a Igreja e para toda a humanidade.”⁴

Paulo VI propôs Duns Escoto como modelo do espírito dialogante que o Concílio Vaticano II tinha impulsionado e que ele mesmo havia adoptado como objectivo do seu pontificado⁵. O Papa recorda as palavras de João de Gerson, que afirma que Escoto sempre se guiou “não pelo afã singular de vencer, mas pela humildade de encontrar um acordo”⁶. Escoto, de facto, demonstra um ânimo sincero na busca da verdade, analisa com atenção e espírito construtivo as posições contrárias ao seu pensamento e evita desclassificações gratuitas ou pouco fundamentadas.

³ Meios de Comunicação Social.

⁴ JOÃO PAULO II, “Homilia na cerimónia de reconhecimento do culto litúrgico a Duns Escoto (20.03.1993)”, in *Selecciones de Franciscanismo* 65 (1993) 164, n. 4.

⁵ PAULO VI, Carta encíclica *Ecclesia suam*, 6.08.1964, in AAS 56 (1964) 609-659, n. 38-39: “A Igreja deve entrar em diálogo com o mundo em que vive. A Igreja faz-se palavra, faz-se mensagem, faz-se colóquio (...) o diálogo deve caracterizar o nosso cargo apostólico.”

⁶ JOÃO DE GERSON, *Lectiones duae «Poenitemini»* lect. alt., consid. 5, citado em PAULO VI, Carta Apostólica *Alma parens*, in AAS (1966) 164.

A doutrina e a personalidade do Doutor Subtil condizem com essa atitude que Paulo VI propõe para o diálogo ecuménico⁷ e interreligioso, assim como para o encontro com o mundo contemporâneo e com o ateísmo⁸. Mais concretamente, o Papa espera que a figura de Escoto ajude a impulsionar o desejado diálogo com os anglicanos, sobre as bases das antigas tradições comuns. Neste sentido, Escoto surge como uma figura muito significativa. Por um lado, foi sempre fiel ao Magistério eclesiástico⁹, por outro lado, ele é também um personagem ilustre da Grã-bretanha. Além disso, a sua doutrina foi matéria comum, durante três séculos, nas escolas daquele país.¹⁰

Também João Paulo II evidencia a exemplaridade de Escoto para “um diálogo na procura de unidade”¹¹ e confirma que “continua a ser ainda hoje um pilar da teologia católica, um mestre original e rico em impulsos e estímulos”¹².

B) O DIÁLOGO, NECESSIDADE URGENTE

Se no período pós conciliar se propunha o diálogo como atitude fundamental no encontro da Igreja Católica com os demais crentes e com o mundo secularizado, actualmente continua a ser considerado como uma condição indispensável para a convivência pacífica numa sociedade

⁷ *Alma parens* 14: “O tesouro teológico das suas obras pode oferecer reflexões valiosas para «serenos colóquios» entre a Igreja Católica e as demais confissões cristãs”

⁸ *Alma parens* 11: Da sua doutrina “podem-se extrair armas poderosas para combater e afastar a nuvem negra do ateísmo que obscurece os nossos tempos”.

⁹ *Alma parens* 16. De facto, o rei Henrique VIII de Inglaterra, quando rompe a comunhão com a Igreja de Roma, ordena que se queimem os escritos de Escoto, pois considerava-o um dos mais notáveis papistas.

¹⁰ *Alma parens* 13-14.

¹¹ JOÃO PAULO II, “Confirmação do Beato João Duns Escoto e proclamação da beata Dina Bélanger”, n. 4.

¹² JOÃO PAULO II, “Discurso à Comissão Escotista”, 16.02.2002. De Escoto o Papa sublinha “a sua esplêndida doutrina sobre o primado de Cristo, sobre a Imaculada Conceição, sobre o valor primário da Revelação e do Magistério da Igreja, sobre a autoridade do Papa, sobre a possibilidade de a razão humana tornar acessíveis, pelo menos em parte, as grandes verdades da fé, de demonstrar a não contraditoriedade, permanece ainda hoje um pilar da teologia católica, um Mestre original e rico de ideias e solicitações para um conhecimento cada vez mais completo das verdades da Fé” (n.2).

cada vez mais relacionada. Bauman afirma que o dilema actual da humanidade consiste em “falar juntos ou morrer juntos”¹³.

Hoje o próximo não é só quem vive ao lado, no espaço e no tempo. Qualquer acção do indivíduo, por pequena ou localizada que seja, pode ter consequências imprevisíveis para o resto da humanidade e para a própria criação. Sucessos que, noutras épocas, ficavam circunscritas a uma região, fazem hoje sentir a sua influência imediata até nos lugares mais distantes do planeta. “O bater de asas de uma mariposa no Brasil pode desencadear um tornado no Texas” (E. Lorenz, 1979).

A queda das barreiras espaço-temporais abre enormes possibilidades, mas cria também inquietantes questões¹⁴. Jonas afirma que a ética tem que ser profundamente reformulada, para responder aos novos desafios¹⁵. Tratar-se-ia de traduzir, em termos éticos, o consenso que já existe sobre a defesa dos direitos humanos. Desta forma, se evitaria que muitos procurem refúgio em novos tipos de fundamentalismo religioso, nacionalista ou étnico¹⁶.

O risco do pensamento único e do colonialismo cultural provoca reacções defensivas, com frequência incontroláveis. Huntington prevenia face ao perigo de um crescente conflito entre civilizações¹⁷. Para evitá-lo, a Assembleia Geral da ONU proclamou o ano de 2001 como “Ano das Nações Unidas do diálogo entre Civilizações”¹⁸. As propostas de diálogo intercultural foram-se sucedendo até aos nossos dias.¹⁹

¹³ BAUMAN, Z., “Parlare insieme o morire insieme: dilemma di tutto il planeta”, in *Vita nostra* 11(2003)2.

¹⁴ JOÃO PAULO II, *Mensagem para a jornada mundial da migração* 2001, 2.02.2001, n. 2.

¹⁵ JONAS, H., *Das Prinzip Verantwortung. Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation*, Frankfurt am Main 1984, 15.

¹⁶ Sobre as propostas éticas para dar um rosto humano ao processo de globalização: MANCINI, R., *Etiche della mondialità*, Assis 1996, 15-198; Cf. BOFF, L., *Ethos mondiale. Alla ricerca di un’etica comune nell’era della globalizzazione*, Torino 2000, 31-59.

¹⁷ HUNTINGTON, S. P., *The clash of civilizations and the remarking of the world order*, New York 1997.

¹⁸ Nações Unidas, 16.11.1998.

¹⁹ A 21.09.2004, na 59ª Assembleia Geral da ONU, o presidente espanhol, José Luis Rodríguez Zapatero, retomava essa ideia para propor uma «Aliança de

C) MUITA INFORMAÇÃO MAS POUCA COMUNICAÇÃO

Se o diálogo é imprescindível a nível político e cultural, não o é menos a nível pessoal. A “Sociedade de Rede”²⁰ permite-nos navegar num imenso oceano de informações, facilita uma comunicação global e instantânea, dá-nos a possibilidade de nos encontrarmos num mundo virtual que não conhece distâncias nem barreiras temporais. Podemos ter a sensação que o mundo inteiro põe-se ao alcance das nossas mãos, na nossa própria casa, sem ter de correr riscos nem de ter de responder diante de ninguém. Sem quase nos darmos conta, podemos ficar “enredados” nesse espaço virtual agradável, domesticado, e acabar fugindo instintivamente da dura realidade de cada dia e do exigente encontro cara a cara com o outro.

A comunicação virtual empobrece-se ao deixar de lado a linguagem corporal, os gestos, o olhar, a proximidade, o tacto. Diz-nos Platão que já Sócrates havia percebido alguns destes problemas na escrita. Recusava-se a usá-la porque a considerava algo material (ou seja, de inferior categoria), algo morto, sem um interlocutor definido que possa responder às possíveis objecções, um meio que não pode levar-nos à verdadeira compreensão das ideias. Mas tampouco a comunicação oral, em si mesma, será suficiente. A procura da verdade – segundo Sócrates – exige diálogo e certa simpatia entre um reduzido número de interlocutores capacitados. Por isso rejeita também as “charlatanices” que os sofistas dirigiam a grupos numerosos de pessoas.²¹

Podemos informar-nos sem comunicar, receber muitos dados sem chegar a estruturar o nosso pensamento. Um dilúvio de informações pode criar-nos confusões em vez de aumentar o nosso conhecimento; e não é por falar muito que nos comunicamos mais. Dizia Platão que um ser humano necessita de sete anos de busca silenciosa para conhecer a verdade, e ao menos catorze para aprender a comunicá-la aos seus

civilizações» centrando-a especificamente nas relações entre o Ocidente e o mundo islâmico.

²⁰ CASTELLS, M., “Materials for an exploratory theory of the Network society”, in *British Journal of Sociology* 51/1(2000)9-10. Ainda que a informação e o conhecimento tenham sido fundamentais na organização social, é agora que o salto tecnológico permite obter, processar, generalizar e difundir a informação de maneira rápida e eficaz, aplicando-a inclusive à engenharia genética.

²¹ PLATÃO, *Fedro*, 275.

semelhantes... Por outro lado, Sêneca perguntava ironicamente a Lucílio, que lhe proporcionava inúmeras sentenças: *Haec sciam? Et quid ignorem?*²²

O diálogo respeitoso ajuda-nos a ser reflexivos e a superar tanto a homogeneização, que anula a riqueza das diversidades, como o relativismo, que nega os valores.²³ É necessário desenvolver a capacidade de acolhimento gratuito, gozoso, responsável para podermos caminhar juntos até uma humanidade reconciliada.

II. Bases escotistas para um dialogo de autenticidade

A escola franciscana tem em Duns Escoto o representante mais qualificado, tal como afirmou Paulo VI²⁴. Esta linha de pensamento elabora o voluntarismo, que se contrapõe ao frio intelectualismo da filosofia moderna.²⁵ Acentuando a liberdade divina e o seu amor incondicionado ao homem concreto, o voluntarismo rebate o dualismo cartesiano, que contrapõe corporeidade a pensamento, matéria a espírito.²⁶ Opõe-se tam-

²² Cf. P. PISARRA, “L’aberrance dell’informazione”, in P. CARETTI - A. PIERETTI - P. PISARRA, *Informazione, manipolazione e potere*, Cinisello Balsamo 1998, 31.

²³ JOÃO PAULO II, Discurso aos membros da Pontificia academia das ciências sociais, 27.04.2002. O diálogo intercultural será mais eficiente se os indivíduos partilharem a sua própria experiência vital. A. TOURAINE, “Faux et vrais problèmes”, in M. Wieviorka, Ed., *Une société fragmentée? Le multiculturalisme en débat*, Paris 1997, 206.

²⁴ *Alma parens* 6. Ele é “mestre e guia da escola franciscana”. BENTO XVI, “Carta apostólica por ocasião do VII centenário da morte do beato João Duns Escoto”.

²⁵ Cf. J. DUNS SCOTO, *Reportatio Parisienses*, (*Rep.*), IV d. 49 n. 11, in L. Vivès, ed., *Opera omnia*, vol. 1-26, Paris 1891-1895 (Vivès), XXIV 625: “Capacitas voluntatis perfectior est in via quam capacitas intellectus; igitur similiter et in patria, quia non est alia capacitas hic et ibi.” Cf. J. DUNS SCOTO, *Ordinatio* (*Ord.*), III d. 33 q. un. n. 58, Commissione Scotista, ed., *Opera omnia*, Città del Vaticano 1950ss, X 168-169: “Simpliciter nobilior erit electio recta quam dictamen rectum.”

²⁶ Descartes (1596-1650) considera que a essência do ser humano consiste na sua capacidade de pensar (*res cogitans*), enquanto que o seu corpo pertence a outra categoria de substâncias (*res extensa*). A ênfase num ou noutra desses dois elementos dará origem a duas tendências contrapostas na compreensão do humano (idealismo e materialismo), mas ambas caracterizadas por um forte dualismo. O idealismo centra-se na racionalidade, no pensamento subjectivo, passando ao lado da dimensão corpórea. Por outro lado, o materialismo reduzirá o homem à materialidade do seu corpo, como

bém a qualquer tipo de gnosticismo que reduza o mais específico humano à sua dimensão espiritual ou racional, como se tudo tivesse que ser subjugado e orientado a favor de um desenvolvimento primitivo do pensamento²⁷.

Frente às filosofias que interpretam a realidade como algo necessário e inevitável, porque lógico, Escoto defende a liberdade como paradigma interpretativo do tudo o que existe. A verdade sobre a realidade humana e cósmica não é reduzível à pura racionalidade. No princípio não era a lógica nem a necessidade, mas a vontade amorosa, livre e gratuita de Deus; portanto, a verdade é inseparável da bondade.²⁸ Se o mundo existe não é porque seja racionalmente necessário, mas por amor. Tudo é radicalmente contingente²⁹, mas ao mesmo tempo valioso, porque querido.

A) “DEUS CARITAS EST”

Escoto proclama que Deus é amor³⁰ e, portanto, um ser totalmente livre, criativo e desinteressado.³¹ Actuando de um modo ordenado,³² Deus ama-se a si mesmo, já que Ele é o Sumo Bem³³; em segundo lugar,

se fosse mais uma peça da engrenagem cósmica. Para compreender o homem, bastará o método experimental e a análise do físico (comportamentalismo). O corpo é interpretado biologicamente em vez de biograficamente.

²⁷ Escoto afirma a prioridade da vontade para poder alcançar a beatitude a que estamos destinados. *Rep.* IV d. 49 q. 2 n. 20 (Vivès XXIV 630).

²⁸ A verdade não pode reduzir-se à pura racionalidade. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Fides el ratio* (FR), 14.09.1998, n. 38: “As vias para chegar à verdade continuam a ser muitas; mas, dado que a verdade cristã tem valor salvífico, cada uma delas só pode ser percorrida se conduzir à meta final, ou seja, à revelação de Jesus Cristo.”

²⁹ J. DUNS SCOTO, *Quaestiones super libros Metaphysicorum Aristotelis (QQMetaph.)*, IX q. 15 n. 12, in Ed., *Opera philosophica*, The Franciscan Institute, St. Bonaventure, N.Y., 1997ss. (*Oph*), IV 678.

³⁰ 1Jo 4,8; *Ord.* I d. 17 q. 2 n. 173 (V 222): “Deus sit formaliter caritas et dilectio”.

³¹ Deus não cria por interesse senão por bondade: *Ord.* III d. 27 q. un. n. 18-20 (X 53-55).

³² Amar ordenadamente significa que primeiramente se deseja o fim e depois, gradualmente, tudo o mais segundo a sua aproximação a esse fim. Cf. *Rep.* III d. 7 q. 4 n. 4 (Vivès XXIII 303); *Ord.* III d. 32 q. un. n. 21 (X 136).

³³ *Rep.* III d. 27 q. un. n. 7 (Vivès XXIII 481).

ama-se a si mesmo como a nós. Ele não é um “motor imóvel”, distante e inacessível, mas um ser apaixonado, abrasado de sentimentos, que cria porque ama.³⁴

Face à impassibilidade da potência divina na filosofia grega e no deísmo, Escoto mostra um Deus que é amor, e portanto, não pode permanecer indiferente frente à humanidade³⁵. O Sumo Bem é também uma suma comunicabilidade, de uma maneira totalmente livre.³⁶ Assim, Deus torna possível e garante o diálogo que leva à fruição comunicativa.

1. *Amor em absoluta liberdade*

O ser e o actuar de Deus não está determinado pela lógica nem pela necessidade, não está sujeito a nenhum condicionalismo ou interesse.³⁷ A liberdade faz parte do seu modo de ser.³⁸ Deus ama-se a si mesmo de modo ordenado e, amando ordenadamente, cria a diversidade de quanto existe. A sua actividade *ad extra* não é emanção necessitarista do seu ser, mas fruto absolutamente livre e gratuito da sua vontade amorosa. O seu actuar não é caprichoso, porque nada do que faz contradiz o seu próprio ser.³⁹ Antes de mais, Deus é.⁴⁰

Afirmando a total liberdade divina, Escoto nega que Deus deva escolher necessariamente o que, segundo os nossos parâmetros racionais, seria a opção mais adequada. Deus actua ordenadamente, realizando o que é digno da sua própria bondade, mas sem estar condicionada por outros factores externos a si mesmo. Deus é subsistente, independente-

³⁴ Cf. *Rep.* II d. 27 q. un n. 3 (Vivès XXIII 135).

³⁵ Cf. Ex 3,7; 6,5: Deus escuta o grito dos oprimidos.

³⁶ J. DUNS SCOTO, *Tractatus De primo principio*, c. 3 conclusio 22.

³⁷ Cf. *Ord.* III d. 1 p. 1 q. 1 n. 49 (IX 21-22). Em Duns Escoto, «o primado da vontade põe claro que Deus é, antes de mais, caridade». BENTO XVI, “Carta apostólica por ocasião do VII centenário da morte do beato João Duns Escoto”.

³⁸ *De primo principio*, c. 3 conclusio 22.

³⁹ Deus pode fazer tudo o que não seja contraditório com a sua própria essência, *Ord.* I d. 7 q. 1 n. 52 (IV 129); *Rep.* IV d. 46, q. 4 n. 8 (Vivès XXIV 584).

⁴⁰ O decisivo em Deus não é o querer ou o entender, mas a sua essência, manifesta na coerência consigo mesmo. Só nela se dão todas as perfeições. *Ord.* IV d. 13 q. 1 n. 32 (Vivès XVII 689); *Rep.* I d. 8 q. 1 n.1 (Vivès XXII 153).

mente de qualquer outro ente⁴¹ e totalmente livre para comunicar-se. Não é a coerência lógica o que determina o actuar de Deus, mas o amor.

Ao pôr a liberdade divina acima da racionalidade do ser, Escoto afirma que o que existe poderia ter sido criado de um modo diverso e nem por isso perderia a sua coerência interna.⁴² No princípio de tudo está a vontade livre de Deus, o qual não impede a racionalidade subsequente de tudo o que Ele chama à existência. O único ser necessário é Deus, tudo o mais é contingente, porque tudo é fruto da sua bondade e liberdade.

A absoluta liberdade de Deus, Sumo Bem, implica que nada se lhe impõe como necessário e universal. O bem não é bem pela sua perfeita lógica interna, mas porque Deus o quis assim, quando poderia tê-lo configurado de outro modo.⁴³ Deus não só é livre de criar, mas também de eger a constituição lógica interna de cada uma das criaturas.

A liberdade divina reflecte-se nos seres humanos, criados à imagem de Cristo e, portanto, livres e criativos⁴⁴, capazes de responder positivamente ao amor divino (“*condiligentes*”), dentro dos limites da própria criaturidade.⁴⁵ O pecado obscureceu a nossa semelhança com o Deus trinitário, mas não anulou a natureza humana, criada para a glorificação de Deus, ou seja, para o diálogo e a doação de si mesmo por amor. Supera-se assim o pessimismo antropológico daqueles que consideram o homem incapaz de altruísmo.

2. *Amor gratuito, que cria diálogo e comunicação*

Escoto sublinha a absoluta liberdade de Deus e o seu amor gratuito, sem limites. Tudo o que existe é fruto do seu amor desinteressado

⁴¹ *Ord.* I d. 19 q. 2n. 54 (V 290): “Subsistere autem, id est «incommunicabiliter per se esse», convenit personae primo.”

⁴² O. TODISCO, *Il dono dell'essere. Sentieri inesplorati del medioevo francescano*, Padova 2006, 47: “Le creature [sono] state volute non perché in sé le migliori – più vere di altre, più razionali, più armoniche di altre... ma migliori perché volute”. Na obra de Todisco o leitor encontrará uma exposição ampla e articulada da linha de pensamento que aqui expressamos sobre Escoto.

⁴³ *Ord.* II d. 1 q. 2 n. 91 (VII 48).

⁴⁴ *Rep.* IV d. 15 q. 4 n. 38 (Vivès XXIV 246): “Libertas est pretiosissima res, et nobilissima quae est in anima, et per consequens in homine.”

⁴⁵ *Rep.* I d. 17 q. 2 n. 7 (Vivès XXII 211).

e tem como finalidade o amor, independentemente de qualquer mérito ou qualidade⁴⁶. Nem sequer a alma de Cristo mereceu a sua glória. Tudo é dom.

O homem existe porque Deus (Sumo Bem) amou-o gratuitamente. Não fomos criados porque essa tenha sido uma opção razoável e lógica, mas porque Deus, na sua imensa bondade, assim o quis, quando poderia ter optado por outras inumeráveis possibilidades. No início de tudo está a vontade livre e gratuita de Deus, o qual não impede que, uma vez criado, cada ser criado tenha uma própria coerência lógica.

Se existimos não é porque tenhamos direito a isso (argumento racionalista), mas por puro dom, porque Alguém quis que assim fosse (voluntarismo).⁴⁷ Antes de recebermos o dom da vida não éramos nada; portanto, todo o nosso ser é fruto da vontade divina, que quis chamar à existência, quando poderia ter elegido outras infinitas possibilidades. Assim pois, tudo quanto existe é ontologicamente contingente, fruto da vontade amorosa, livre e gratuita de Deus, nascemos como dom e à doação estamos chamados.

A actividade divina *ad extra* é sempre fruto do amor e orientada ao amor. Criando, Deus manifesta a sua bondade infinita, dá espaço ao diverso de si, renuncia a ser o único existente. Cria porque ama, e além disso, predispõe para que todos possam amá-lo livremente. A *Kenosis* de Deus manifestará posteriormente esta dinâmica de amor infinito, que respeita o fim de cada ser. Deste modo, Deus torna possível o diálogo pessoal, algo muito distinto dos monólogos dos tipos de religiosidade consumista. Todos os seres são fruto do amor trinitário que, gratuitamente, cria e gera relações de comunhão e diálogo.

O ser humano foi criado à imagem e semelhança do Criador, mas é ontologicamente dependente e, portanto, nunca poderia dialogar com o Deus transcendente se não fosse gratuitamente elevado à dignidade de interlocutor. Encontramo-nos aqui na complexa questão filosófica do encontro entre absoluto e contingente, entre infinito e finito. A união hipostática em Cristo realiza este enlace de forma eminente. N'Ele e por Ele, também nós recebemos a capacidade de amar livremente o nosso Criador com um amor puro e ordenado. O conhecimento e a especulação

⁴⁶ A criação é fruto da vontade divina. *Ord.* II d. 1 q. 2 n. 91 (VII 48).

⁴⁷ *Ord.* I d. 8 p. 2 q. un. n. 300 (IV 325).

intelectual só podem servir de preparação a essa comunhão beatífica⁴⁸ que o amor de amizade pode proporcionar.⁴⁹

3. *Jesus Cristo, o perfeito interlocutor de Deus*

A actividade *ad extra* de Deus-Amor é expressão coerente e ordenada do seu ser. O Deus trinitário, comunidade de pessoas, decide criar, livre e gratuitamente, algo que é distinto de si mesmo, com a finalidade de partilhar com Ele o seu amor.⁵⁰ Entre todos os possíveis co-amadores, Deus gera Cristo como interlocutor perfeito, Aquele que pode responder com um amor infinito como é próprio de si.⁵¹ A união hipostática das naturezas, humana e divina, na pessoa de Cristo significa que Ele é o mais próximo do amor com que Deus se ama, o que melhor pode responder, o mais próximo à sua finalidade essencial.⁵² Assim, pois, a alma de Cristo é a primeira a ser predestinada à mais alta comunhão amorosa com a Trindade, independentemente dos homens serem criados ou não.⁵³

A predestinação de Deus e, n'Ele, a de todos os seres racionais, tem como fim primário a glória de Deus.⁵⁴ Isso não impede, mas exige a liberdade para amar,⁵⁵ pois o que é fruto do amor tende ao

⁴⁸ *Ord.* prol. p. 5 q. 2 n. 353 (I 229).

⁴⁹ Cf. *Ord.* IV d. 49 q. 2 n. 27-32 (Vivès XXI 52-55). Escoto distingue entre o amor de desejo (concupiscência) e o amor de amizade (caridade). O segundo é o mais perfeito, pois move-nos a amar a Deus por Ele mesmo e ao próximo por Deus. *Ord.* I d. 1 p. 3 q. 5 n. 183 (II 121). *Rep.* III d. 7 q. 4 n. 5 (Vivès XXIII 303): “[Deus] diligit se aliis, et iste est amor castus”.

⁵⁰ Deus quer criar uma família de co-amadores. *Rep.* III d. 7 q. 4 n. 5 (Vivès XXIII 303).

⁵¹ *Ord.* III d. 7 q. 3 n. 61 (IX 287).

⁵² *Rep.* III d. 7 q. 4 (Vivès XXIII 303).

⁵³ *Rep.* III d. 7 q. 4 (Vivès XXIII 303).

⁵⁴ *Ord.* I d. 40 q. un n. 4 (VI 310). *Ord.* III d. 32 q. un n. 21 (X 136-137): “[Deus] vult alios habere condiligentes, et hoc est velle alios habere amorem suum in se, - et hoc est praedestinare eos.”

⁵⁵ Deus deseja a salvação de todos e concede os dons necessários para que possam acolhê-la em liberdade. *Ord.* I d. 46 q. un. n. 7 (VI 379). De facto, a morte de Jesus Cristo será meritória porque Ele a acolhe voluntariamente. *Ord.* III d. 16 q. 2 n. 56 (IX 559): “ut volita et acceptata a voluntate, fuit meritoria et non violenta”.

amor.⁵⁶ Deus não tem necessidade de nós, ama-nos e deseja o nosso amor.⁵⁷

Enquanto obra prima de Deus, Cristo é também o sumo bem de todos os demais seres,⁵⁸ o mediador universal, o centro de toda a actividade amorosa de Deus *ad extra*, o ponto de encontro entre o divino e o humano. N'Ele, por Ele e para Ele são pensados e criados os anjos, os homens e todas as coisas.⁵⁹ Tanto na ordem natural como na sobrenatural encontram o seu sentido. Maria Imaculada será a primeira beneficiada da sua mediação e, com ela, todos fomos feitos filhos no Filho.

Este plano eterno, amoroso, de Deus não poderia estar condicionado pela actuação posterior da criatura humana, pois entre outras razões, esta nem sequer estava prevista na mente de Deus.⁶⁰ Cristo é predestinado a ser glorificador de Deus antes que o mundo existisse e antes que fosse previsível a queda de Adão.⁶¹ Deus, que ama de um modo ordenado, quer a glória de Cristo antes de qualquer outra actividade que possa conduzir a essa meta.⁶² Por isso, a redenção não é contemplada nesse primeiro momento e tampouco é o motivo primário da encarnação.⁶³

Tudo é eleição livre do amor de Deus, em conformidade com o seu eterno plano amoroso. Deus poderia ter escolhido outros modos de nos redimir,⁶⁴ mas escolheu o que melhor expressa o seu amor incondicional para conosco.⁶⁵ Se Cristo aceita livremente a morte de cruz não é para aplacar a ira divina e reparar a justiça burlada, mas antes como expressão suprema do amor infinito de um Deus que nos quer para Si.

⁵⁶ *Ord.* III d. 32 q. un. n. 21 (X 136-137).

⁵⁷ *Rep.* III d. 32 q. un. n. 10 (Vivès XXIII 508).

⁵⁸ *Ord.* III d. 7 q. 3 n. 63-66 (IX 288).

⁵⁹ *Rep.* III d. 32 q. un. n. 11 (Vivès XXIII 508).

⁶⁰ Ao falar do plano de Deus não se assinalam momentos de sucessão temporal, mas somente lógica, pois em Deus não há antes nem depois.

⁶¹ *Ord.* III d. 19 n. 6 (Vivès XIV 714); J. DUNS SCOTO, *Lectura (Lect.)*, III d. 19 q. un. n. 20 (XXI 32).

⁶² *Ord.* I d. 41 q. un. n. 41 (VI 332-333).

⁶³ *Rep.* I d. 41 q. un. n. 8 (XXII 482).

⁶⁴ A Encarnação é uma eleição livre e gratuita de Deus. *Ord.* IV d. 2 q. 1 n. 11 (Vivès XVI 248). Cf. *Ord.* III d. 20 q. un. n. 10 (Vivès XIV 737).

⁶⁵ O Amor de Deus fica evidenciado no modo de nos redimir. *Ord.* III d. 20 q. un. n. 10 (Vivès XIV 738).

A comunicação amorosa é o primeiro objectivo da actuação de Deus *ad extra*. Esse objectivo é, pois, prioritário e ascendente à ruptura do diálogo que a queda de Adão provocara. A queda do homem não pode ter destruído o plano primogénito de Deus, reduzindo a história a um retorno fastidioso ao paraíso perdido e, além disso, exigindo o pagamento da morte na cruz. Essa concepção subordinaria Cristo ao homem, o que seria absurdo.⁶⁶ Cristo tem o primado absoluto sobre tudo o criado e, no final dos tempos, o apresentará ao Pai como oferenda de amor. Assim, pois, o melhor está ainda para chegar.

Frente ao relativismo religioso e à religiosidade desencarnada e impessoal, Escoto proclama que todo o humano encontra em Cristo o seu sentido, incluindo a dor e a fragilidade. O Crucificado, que sofre connosco, é o único rosto que Deus nos deu. Em Cristo, Deus experimentou a tragédia do homem e fez-se seu companheiro de caminho. Ele restabelece o diálogo amoroso que o pecado tinha rompido e fá-lo aceitando livremente a doação de si mesmo na cruz.

B) DIGNOS PORQUE AMADOS

O único ser necessário é o próprio Deus; todos os demais são contingentes, ou seja, existem porque Ele o quis, sem que existam razões suficientes para isso⁶⁷. A criação é um acto de amor gratuito, imerecido, completamente livre de Deus.

1. *O valor incondicional da pessoa humana*

O homem não é um ser pensante (*res cogitans*), dominador, mas um ser pensado (*res cogitata*), infinitamente amado. Se existo é porque Deus me amou e pensou em mim, sem que existisse nenhuma razão para ter-me escolhido. É uma questão de gratuidade, de amor desinteressado, de vontade.⁶⁸ O dito cartesiano “penso, logo existo” muda-se em “sou amado, logo existo”.

⁶⁶ *Ord.* III d. 7 q. 3 n. 64-66 (IX 288).

⁶⁷ *Rep.* II d. 1 q. 3 n. 3 (Vivès XXII 531).

⁶⁸ Deus amou-nos porque quis, pois pode fazer livremente tudo o que não seja contraditório. *Ord.* I d. 44 q. un. n. 3 (VI 363-364); *Ord.* I d. 8 p. 2 q. un. n. 283 (IV 314).

O valor humano não reside na sua substância (“eu pensante”, “racional”, dominador), mas na bondade de Deus. O homem existe porque Deus (Sumo Bem) o amou gratuitamente e, em consequência, é um ser bom, chamado à doação de si mesmo por amor. O importante não é a sua capacidade mental, mas o facto de ter sido amado gratuitamente, eleito entre outros muitos possíveis, hospedado sem merecê-lo.

A dignidade do homem não depende do êxito das suas acções, mas da relação gratuita que Deus estabeleceu com ele mesmo antes da criação. A sua identidade não resulta do que tem, mas da sua capacidade de doar-se e de construir relações significativas. Com a ajuda da graça divina, podemos dialogar, fiar-nos do outro, pois o homem não é um lobo para o homem. A capacidade de amar é mais forte que o egoísmo e que as tendências pecaminosas, ainda que a prudência seja necessária. A natureza humana não foi mudada radicalmente pelo pecado original.⁶⁹

2. Reconhecer-se criatura

Frente à pretensão ingénua do homem actual, que quer obter tudo rapidamente e sem esforço, Escoto convida a reconhecer-se criatura dependente e limitada, mas infinitamente amada por Deus. O ser humano é contingente, ontologicamente dependente, e deve reconhecer-se como tal, obedecendo humildemente ao seu criador.⁷⁰ Isto não significa renunciar à própria dignidade e às próprias potencialidades, mas reconhecer que a verdade sobre si mesmo reside na liberdade bondosa e gratuita de Deus.

Enquanto que os filósofos tendem a afirmar a perfeição autossuficiente da natureza, Escoto insiste na necessidade da graça.⁷¹ Tudo o que somos e temos é puro dom. Não somos amados porque sejamos dignos, mas somos dignos porque somos amados.⁷² Ainda que seja pequeno (minoridade), sou querido.

⁶⁹ Cf. *Lect.* II d. 20 q. 2 n. 21-29 (XIX 195 197).

⁷⁰ *QQMelapli.* IX q. 12 u. 3 (IV 611-612).

⁷¹ Os filósofos pagãos tentaram explicar tudo racionalmente, desde a autossuficiência da natureza. *Ord.* prol. p. 1 q. un. n. 5 (I 4).

⁷² Todos os seres criados são bons porque queridos, não pela sua utilidade: *Ord.* III d. 19 q. un. n. 7 (Vivès XIV 718); *Rep.* I d. 48 q. un. (Vivès XXII 512).

O ideal humano não é o do super-homem impassível, sempre vencedor. Tudo o que o homem é, e tudo o que o rodeia, é querido e amado por Deus, sem que existam razões suficientes para que assim seja. Nada do que acontece ao homem é indiferente a Deus,⁷³ que quis manifestar-se na debilidade. Portanto, é possível uma relação harmónica, hospitaleira, respeitosa com os outros, com a natureza e com o próprio corpo, pois a sua dignidade deriva da livre vontade de Deus. Não se trata de dominar ou subordinar o que sou e o que me rodeia, mas de coordenar tudo, respeitando a riqueza da diversidade.

3. *Livres para amar*

Nesta perspectiva, a matéria e o próprio corpo deixam de ser algo alheio ou perigoso. Todo o nosso ser, *corpore et anima unus*,⁷⁴ é fruto do amor divino e, portanto, digno. Sendo fruto do amor livre e gratuito de Deus, estamos chamados a amar a todos na liberdade e gratuidade. Maria é também o nosso exemplo, com o seu modo de colaborar livremente na obra de Deus.⁷⁵

Assim também de nada serviria a mortificação do corpo se não fosse expressão da minoridade e da pobreza interior. Não se trata de subordinar o corpo à alma, mas de coordenar tudo o que somos, para que nada nos desvie da resposta agradecida a quem nos amou. Estar ordenado é muito distinto de estar subordinado. No mundo clássico propunha-se subordinar o corpo, subjugá-lo mediante a mortificação, para poder assim libertar a dimensão espiritual e racional que nele está amarrada, ou seja, para poder pensar sem que as paixões o impeçam.

No pensamento de Escoto, todavia, o corpo não é inimigo da alma, mas o seu necessário e harmonioso complemento, a corporeidade de cada homem tem uma entidade e um valor ontológico em si mesmo.⁷⁶ Por isso, a mortificação tem como objectivo preparar-se para responder

⁷³ Os 11, 8-9: “Como poderia abandonar-te, ó Efraim? (...) comovem-se as minhas entranhas.”

⁷⁴ CONCILIO VATICANO II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS), 7.12.1965, n. 4. Escoto defende que a substância do ser humano só se dá na unidade de alma e corpo. *Ord.* IV d. 45 q. 2 n. 14 (Vivès XX 306).

⁷⁵ Na sociedade que acentuava a passividade da mulher, Escoto sublinha o papel activo de Maria na sua maternidade virginal: *Ord.* III d. 4 q. un. n. 47 (IX 216).

⁷⁶ *Ord.* IV d. 11 q. 3 n. 55 (Vivès XVII 436)

livremente, com todo o nosso ser, a Deus que livremente nos criou. A mortificação permite-nos “conservar a paz da alma e do corpo”,⁷⁷ ou seja, faz-nos livres para amar. Tudo o que o homem é e realiza deve ser expressão da sua resposta amorosa a Deus. Ama-l’O é o único acto bom em si mesmo, e portanto, irrenunciável.⁷⁸

4. *O pecado, ruptura do diálogo amistoso*

Deus criou o ser humano sem que existisse nenhum motivo para isso e destinou-o, em Cristo, a participar da vida trinitária. O pecado original não destruiu a natureza que Deus lhe deu à imagem do Filho.⁷⁹ Se somos fruto do amor e a Ele estamos destinados, o pecado é ir contra a nossa própria natureza, renunciando conscientemente à amizade que Deus nos oferece.

Escoto rejeita o gnosticismo daqueles que identificam o pecado com o erro, de modo que só o iluminado seria capaz de resistir às sugestões do mal. Antes da verdade e da lógica, Escoto acentua a liberdade e o amor.

Mais que a ruptura de uma ordem justa, Escoto entende o pecado como uma infidelidade. Assim também, Escoto nega que o pecado original seja um contágio transmitido através da carne contaminada; pertence à ordem moral, não ao físico.⁸⁰ Rejeita assim qualquer semelhança do pecado original e pessoal com um mecanismo mágico ou automático, enquanto que afirma o seu carácter moral e relacional.⁸¹

O pecado pessoal é ruptura do diálogo, renúncia consciente a amar o Amor.⁸² Desta maneira a criatura contradiz o juízo da recta razão⁸³ e dirige-se para a morte do isolamento egoísta.

A Encarnação não está determinada pelo pecado, pois isso significaria que o actuar divino estaria condicionado necessariamente pelo erro

⁷⁷ S. Francisco de Assis, *Admonições*, 15, 1-2, in FF 1,

⁷⁸ *Rep.* IV d. 28 q. un. n. 6 (Vivès XXIV 377).

⁷⁹ *Lect.* II d. 29 q. un. n. 22 (XIX 289).

⁸⁰ *Ord.* II d. 30 q. 2 n. 14 (VIII 322).

⁸¹ *Ord.* III d. 33 q. un. n. 76 (X 175).

⁸² Desse modo a criatura renuncia ao primeiro princípio prático que é “*Deus est diligendus*”. *Ord.* IV d. 46 q. 1 n. 10 (Vivès XX 426).

⁸³ Um acto é moralmente bom quando há harmonia entre a vontade e a recta razão. *Rep.* II d. 35 q. un. n. 10 (Vivès XXIII 182); *Ord.* III d. 23 n. 74 (X 249).

do homem. Deus não se sente obrigado a reparar a ruína que o pecado provoca na ordem da justiça. Ele actua sempre livremente e na lógica do amor, porque quer que alcancemos o nosso verdadeiro fim. O amor prevalece sobre a justiça.⁸⁴ Não obstante, o amor de Deus não poderia permanecer indiferente ante a cegueira humana que, na sua infidelidade, se encaminha para a morte. Daí a redenção, a doação de Deus até à morte na cruz.

C) RELAÇÕES BASEADAS NA LIBERDADE E NA GRATUIDADE

“O homem é o lobo do homem”⁸⁵ repetem aqueles que olham com suspeita para o ser humano e que defendem a via do armamento como único modo de manter a paz (*Si vis pacem, para bellum*). O cristianismo contradiz esta lógica. Frente à guerra de interesses e às relações competitivas do eu dominador, a concepção antropológica de Escoto assenta as bases para as relações na liberdade e gratuidade.

1. *Todo o ser humano é um interlocutor válido*

Em Cristo, todos os seres racionais, começando por Maria, foram predestinados a um eterno diálogo amoroso com Deus.⁸⁶ Essa predestinação à visão beatífica não é condicionamento escravizante, mas liberdade para amar.⁸⁷ Na sua infinita bondade, Deus quer que as criaturas racionais alcancem em Cristo a sua meta final, ou seja, a comunhão com Deus.⁸⁸ Alcançando essa beatitude a pessoa realiza plenamente a sua própria natureza,⁸⁹ que foi criada para o amor. A reprovação, pelo contrário, é fruto do mau uso da liberdade.⁹⁰

⁸⁴ *Ord.* III d. 20 q. un. n. 10 (Vivès 738).

⁸⁵ “Homo homini lupus”. Esta afirmação de Plauto (*Asinaria*, acto II), largamente repetida, reflecte uma concepção antropológica pessimista. Tomás de Aquino preferia afirmar: “Homo homini naturaliter amicus”. *S.Th* II-II q. 114 a. 1 ad. 2.

⁸⁶ *Lect.* III d. 19 q. un. n. 31 (XXI 36-37).

⁸⁷ O homem pode rejeitar o destino beatífico que Deus lhe preparou. *Ord.* I d. 41 q. un. n. 40 (VI 332). Cf. *Ord.* I d. 41 q. un. n. 42 (VI 333): “Reprobado ergo habet ex parte obiecti rationem, scilicet peccatum finale praevisum”.

⁸⁸ Só Deus pode satisfazer plenamente o desejo profundo das criaturas. *Rep.* II d. 23 q. un. n. 6 (Vivès XXIII109). Cf. *Ord.* prol. p. 1 q. un. n. 32 (I 19).

⁸⁹ Deus quer a realização plena do ser humano, ainda que este possa opor-se e fazer malograr o plano de Deus. *Ord.* II d. 33 q. un. n. 18 (VIII 368).

⁹⁰ *Ord.* Id. 41 q. un. n. 46 (VI 334).

O facto do ser humano ser *imago Dei* não deve ser entendido no sentido estático – por ter uma comum natureza racional (*res cogitans*) –, mas antes de mais no sentido relacional: pela capacidade de amar e doar-se em liberdade. Também as pessoas divinas são dinâmicas, em contínua relação.⁹¹ Criado à imagem do Verbo encarnado, o homem está feito para o diálogo livre e afectuoso, com tudo o que o rodeia e com o próprio Deus.⁹² A bondade do ser – de todos os seres – leva à gratuidade do dom.

Em contraste com a bondade e gratuidade que está na base da teologia escotista, hoje predomina uma concepção antropológica negativa, que leva a relações ferozmente competitivas, ao eficientismo (*do ut des*) e ao “usa e deita fora” do consumismo mais desenfreado. O eu autossuficiente e individualista procura conhecer e dominar; usa a informação em termos de poder, em vez de buscar com ela a comunhão;⁹³ procura conhecer tudo sobre os outros para os dominar; é incapaz de re-conhecer que o valor dos outros seres não depende dele mesmo. Deste modo, a pessoa é arrastada à “guerra de interesses” (capitalismo) ou é reduzida a uma peça anónima na engrenagem colectiva (colectivismo). Em ambos os casos o sujeito não é respeitado nem respeita o outro, não se sente movido ao altruísmo nem a comunicar-se para criar comunhão.⁹⁴

O ideal liberal de um indivíduo completamente autónomo e auto-suficiente, que entra em sociedade por pura conveniência utilitarista, corresponderia ao deus único, monólítico e soberano de algumas filosofias. Esse deus não interviria necessariamente no mundo, pois tê-lo-ia feito como um mecanismo autárquico.

⁹¹ J. DUNS SCOTO, *Quodlibet (Quodl)*, q. 12 n. 6 (Vivès XXV 476).

⁹² *Ord.* IV d. 49 q. 10 n. 2 (Vivès XXI 318-319).

⁹³ Face ao positivismo lógico, que define a informação como uma descrição e predicação objectiva do mundo, alguns autores procuram recuperar o aspecto subjectivo, através da distinção entre informação e comunicação. A comunicação plenamente humana não pode reduzir-se a uma simples transmissão de informação (como acontece entre duas máquinas), mas implica fenómenos de interpretação e de compreensão. Comunicar é relacionar-se, partilhar com alguém um significado em vistas a uma maior comunhão. Cf. F. MARTÍNEZ DíEZ, *Teología de la comunicación*, Madrid 1994, 28.

⁹⁴ Comunicação e comunidade são termos afines, que se implicam e exigem mutuamente. W. SCHRAMM - W. E. PORTER, *Men, women, messages, and media; understanding human communication*, Harper & Kow, New York 1982², 2-3.

Para o cristianismo, por outro lado, a pessoa é intrinsecamente social, pois foi criada à imagem e semelhança do Deus trinitário, que é comunicação na pluralidade, fonte de toda a unidade e de toda a diferença. O homem nasce já como ser livre e social.⁹⁵ A sua dignidade e sociabilidade são anteriores à evolução e à história. O seu valor não depende do meu pensamento, mas só de Deus, sumo bem, que o pensou e amou desde toda a eternidade. Mais que conhecer, o sujeito tem de re-conhecer o outro. Ele é um tu muito antes de relacionar-se com os semelhantes, porque, desde sempre, Deus o tratou e amou como tal.⁹⁶ Conhecer é amar, contemplar o mistério do outro e sentir-se movido a admirá-lo e amá-lo. Portanto, a verdade é inseparável da bondade.

A dignidade e a razão da existência de todos os seres não depende da mente do sujeito pensante, mas da absoluta liberdade e gratuidade de Deus que é Amor. O pecado dividiu o homem por dentro, mas não anulou a sua capacidade de amar, de transcender o próprio egoísmo com a ajuda da graça.⁹⁷ Em consequência, o domínio despota do eu pensante, que configura toda a realidade a partir de si mesmo, transforma-se em acolhimento afectuoso de cada ser que, em si mesmo, é um dom divino.

2. *Relações gratuitas, desinteressadas*

Desde o paradigma escotista da liberdade, conclui-se a urgência da resposta de gratidão, gratuita, ao Deus que nos ama, e o encontro respeitador, desinteressado, com o outro e com toda a criação. A hospitalidade absoluta face a todos os seres não é pelo benefício que proporcionam, mas porque todos são fruto do amor divino, e, portanto, bons em si mesmos. Quanto mais débil e frágil se mostre a vida (embrião, enfermo, idoso), mais apela à nossa responsabilidade, pois Deus quis mostrar a sua grandeza na debilidade.

O ser humano é sempre um mistério para mim, porque a sua existência não depende de leis intrínsecas à sua pessoa, mas da vontade de Alguém que me transcende. Portanto, sinto-me movido a sair ao seu encontro e a respeitar a sua alteridade, sem prepotência, sem a ânsia de o

⁹⁵ Cf. GS, 24.

⁹⁶ J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios. Antropología teológica fundamental*, Santander 1988, 181-182. O amor ao outro faz parte da resposta amorosa a Deus.

⁹⁷ Cf. Lect. II d. 34-37 q. 4 n. 5 (XIX 337).

dominar, porque a sua existência não se deve a mim. Ele é um tu desde muito antes de me relacionar com ele, porque, desde sempre, Deus o tratou e amou como tal. Por isso, o ser humano tem uma dignidade pessoal que é prévia a qualquer contacto com o seu semelhante. Deus outorgou-lhe esse estatuto de pessoa que tornará possível esse autêntico encontro igualitário com os demais.⁹⁸

A resposta ética não será superficial, voluntarista, típica de um sujeito dominador que “quer” amar o outro, que “quer” imitar a *kenosis* de Cristo, mas antes uma ética de alteridade e de compaixão. Descobrimo que todos somos fruto do amor gratuito, imerecido, de Deus, o sujeito sente-se radicalmente movido ao amor gratuito e à hospitalidade incondicional.⁹⁹

D) DIALOGANDO COM TODOS OS SERES NO JARDIM DO COSMOS

Na perspectiva de Escoto, as coisas são irmãs, dignas de serem amadas por si mesmas, porque são fruto do amor divino que cria e sustenta. O louvor, a admiração e o agradecimento substituem qualquer intento de apropriação ou domínio. Isto não significa que não se possa tocar ou melhorar. A criação não é algo estático, imutável, mas projecto, abertura, reino da liberdade. O homem está chamado a desenvolver as potencialidades de tudo o que existe, mas sempre em conformidade com o plano divino.

1. *O mundo, expressão de bondade*

Deus cria gratuitamente e alegra-se com a criação. O acto criador não é fruto da necessidade, pois Deus sempre age livremente. O mundo não é expressão de potência, mas expressão de bondade, é um dom. Cada criatura é uma manifestação do amor divino que supera a nossa capacidade de raciocínio, sem deixar por isso de ser compreensível e lógica em si mesma. Deus poderia ter criado coisas melhores em si mesmas, mas desde o momento em que, livremente, decide criar algo,

⁹⁸ Portanto o amor ao outro faz parte da resposta amorosa a Deus. *Ord.* III d. 28 q. un. n. 25 (X 91).

⁹⁹ Imitando o amor gratuito e desinteressado de Deus, o homem está chamado a amar os seus semelhantes sem procurar possuí-los, pois neles encontra o próprio Deus. *Ord.* III d. 28 q. un. n. 15 (X 28).

isso converte-se objectivamente no melhor possível, pelo facto de ter sido escolhido e querido gratuitamente por Deus. De facto, Deus não deixará de querer o que criou.¹⁰⁰

Esta explicação do acto criador não vai contra a razão, não apela a um comportamento caprichoso, não impede a formulação racional, mas aponta a uma liberdade divina que supera a nossa capacidade de compreensão.¹⁰¹ Todos os seres são expressão do amor gratuito, livre, incensurável do Criador.

A natureza não é inóspita ou hostil, algo que o homem tenha de submeter, mas um lar, uma habitação acolhedora. A dignidade e beleza global do universo só a captam o contemplativo.¹⁰² Duns Escoto defende a univocidade do ser,¹⁰³ estabelecendo assim uma conexão fundamental (não só análoga) entre os seres deste mundo e o próprio Deus.¹⁰⁴

Ao mesmo tempo, Escoto afirma a singularidade única e irrepitível de cada ser, porque o Criador deu-lhe esse estatuto ao elegê-lo e individualizá-lo entre todos os possíveis. A diferença não é nem deficiência nem imperfeição, o individual prevalece sobre o universal e, portanto, é mais perfeito o conhecimento do concreto. O entendimento humano está predisposto para receber intuitivamente essa singularidade, ainda que na situação actual o faça normalmente a partir do conhecimento universal. Escoto contradiz assim a filosofia grega, que sustenta a superioridade do conhecimento abstracto e a sua necessidade para chegar a compreender o individual.

Esta concepção filosófica de Escoto reforça a autonomia das criaturas. Nada é superficial ou acessório, pois Deus tudo conhece e tudo

¹⁰⁰ *Ord.* I d. 41 q. un. n. 54 (VI 338): “Nullum enim aliud bonum, quia bonum, ideo amatum ab illa voluntate”.

¹⁰¹ Escoto insiste que Deus actua de modo ordenado e racional. Cf. *Ord.* III d. 32 q. un. n. 21 (X 136). Não têm, pois, nenhum fundamento aqueles que o acusaram injustamente de defender um voluntarismo caprichoso, mais próximo ao fideísmo que à formulação racional.

¹⁰² *Ord.* prol. p. 5 q. 2 n. 355 (I 231).

¹⁰³ *Ord.* I d. 3 p. 1 q. 2 n. 26 (III18). Cf. *Ord.* I d. 3 p. 1 q. 3 n. 137 (III85); Escoto define a univocidade como “unitate rationis eius quod predicatur”. (*Ord.* I d. 8 p. 1 q. 3 n. 89 (IV 195)) e distingue três tipos: física, metafísica e lógica. Cf. *De anima*, q. 1 n. 6 (Vivès III 477).

¹⁰⁴ *Lect.* I d. 3 p. 1 q. 2 n. 113 (XVI 266).

ama na sua singularidade.¹⁰⁵ Isto pode aplicar-se ao diálogo como atitude fundamental do ser humano. Dialogar é reconhecer a riqueza da diversidade, respeitá-la e, ao mesmo tempo, buscar pontos de encontro e de entendimento.

Desde a perspectiva escotista pode-se afirmar que a perfeição não se consegue alheando-nos da matéria e do próprio corpo, para conseguir o pensamento puro e o espírito imperturbável, mas assumindo e coordenando tudo o que somos. A profissão do voto de pobreza não deve ser entendida como afastamento maniqueísta da realidade, mas como liberdade interior para amar as pessoas e as coisas, sem a ganância de dominá-las ou possuí-las. O único absoluto é Deus, por isso o homem não pode deixar-se atralhar pelas coisas, nem tão pouco pode depreciá-las, nem utiliza-las arbitrariamente.

O tempo messiânico, já presente, mas ainda não em plenitude, obriga a ser peregrino (*homo viator*), que não pára para escutar o cântico das sereias, mas continua a caminhar, com os olhos fixos no seu fim último que é Deus.

2. Dignidade e valor de cada uma das criaturas

Na visão de Escoto, a contemplação e a escuta substituem o domínio déspota. A criação tem um valor em si mesma, que é prévio e independente da utilidade que se lhe possa dar. Se o ser humano é digno porque é amado, também os demais seres encontram em Deus o valor que por si mesmos não merecem. A contingência de todos os seres criados não impede a sua dignidade, pois ela fundamenta-se na bondade de Deus. Também eles são fruto do amor divino e, portanto, merecem respeito, independentemente da utilidade que possam ter para o homem.

Cada uma das criaturas foi chamada por Deus à existência, ordenada num “cosmos” e orientada para a nova criação. O homem é convidado a colaborar nesse plano divino, pois a natureza precisa dele para desenvolver as suas potencialidades,¹⁰⁶ mas deve fazê-lo com

¹⁰⁵ Escoto defende a dignidade e a liberdade metafísica do indivíduo, que é único, irrepetível. *Ord.* II d. 3 p. 1 q. 6 n. 183 (VII 481): “Omnis entitas individualis est primo diversa a quocumque alio”.

¹⁰⁶ Em Cristo o homem é o fim particular da criação: *De rerum princ.* q. 9 a. 2 sec. 4 (Vivès IV 435-436).

responsabilidade.¹⁰⁷ Amar é querer que o outro seja ele mesmo, segundo a lógica do seu próprio ser,¹⁰⁸ portanto, o ser humano deve respeitar a entidade de tudo o que existe, independentemente do benefício que lhe advenha.¹⁰⁹

Põe-se, assim, de lado o eu autossuficiente da filosofia ocidental, que reduz a criação à pura matéria neutra, que o homem tenha de converter em algo útil e positivo. A Bíblia, pelo contrário, afirma que a natureza é rica em si mesma, uma bênção cheia de potencialidades e de vida: “Deus vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa.”¹¹⁰

Escoto defende a dignidade e a liberdade metafísica do indivíduo, que é único e irrepitível. A diferença individual ou haecceidade (*haecceitas*)¹¹¹ é uma característica ontológica positiva, que imita a infinita individualidade divina. Graças a ela, cada um dos seres é único, irrepitível, independentemente da natureza que compartilhe com o seu género ou espécie. Realça-se assim a bondade e singularidade de todos os seres, pois todos são fruto da vontade livre e amorosa de Deus.

Todos estamos intimamente relacionados na caridade, pois formamos parte de um único projecto de amor, cada um com a sua própria dignidade e com os seus objectivos específicos. A alteridade é parte intrínseca do ser humano. Estamos chamados a contemplar, maravilhados, o mistério do mundo e a administrar responsabilmente o que Deus nos confiou.

A mentalidade utilitarista deixa para trás o diálogo e a escuta. As coisas não são meros objectos que podemos usar a nosso bel-prazer, segundo as necessidades do momento. Nem sequer são degraus para nos aproximarmos de Deus, deixando-as debaixo dos nossos pés. O cristão não utiliza a natureza como um senhor déspota, nem tão pouco se deixa

¹⁰⁷ J. DUNS SCOTO, *De rerum princ.* q. 13 a. 1 sec. 6 (Vivès IV 497-498): “Homo ordinatur ad finem suum per bonum usum creaturarum, et deordinatur per abusum earum”.

¹⁰⁸ O. TODISCO, «Dall'io pensó tomista all'io voglio scotista», in *Miscellanea francescana* 3-4 (2004) 521.

¹⁰⁹ *Ord.* III d. 27 q. un. n. 16 (X 53).

¹¹⁰ Gn 1, 31. “Todas as criaturas têm em si a salvação, não há nelas veneno de morte.” Sb 1, 14.

¹¹¹ *Ord.* III d. 1 p. 1 q. 3 n. 132 (IX 59): “Singularitas praecedit rationem suppositi”.

agarrar por ela. Situando-se no meio dos seres, o franciscano descobre-se irmão, afectuosamente, pois em tudo descobre a presença de Deus encarnado. Mais do que projectar sobre a natureza os seus sentimentos, escuta, acolhe e une-se à sinfonia de todo o cosmos.

3. *Até que, em Cristo, todos sejamos um no Amor*

O diálogo amoroso de Deus com a criação encontra em Cristo a base adequada e definitiva. A criação inteira gravita em volta d'Ele e n'Ele encontra a unidade e o sentido. Todos os seres tendem a Deus em Cristo, o Verbo feito carne. Como se se tratasse de uma pirâmide perfeita, Cristo é vértice, o ponto focal de tudo o criado e o encarregado de recapitular em si todas as coisas para as apresentar a Deus como oferta de amor. Esse ponto ómega da criação não será o fim da história amorosa que, desde antes dos séculos, Deus iniciou com a humanidade em Cristo.

O valor que Escoto dá ao singular deveria ajudar-nos a apreciar a diversidade das raças, culturas e religiões como uma riqueza com que Deus no prendou para que juntos, em absoluta hospitalidade, façamos o mais belo mosaico em sua honra. Deveria também mover-nos a um maior apreço pela natureza. Todos os seres, até ao mais pequeno, reflectem a Trindade e, por isso, têm uma dignidade que deve ser respeitada. Eles necessitam do homem para expressar o seu louvor ao Criador e poderem desenvolver as suas potencialidades. Unidos a eles, fazemos o itinerário até Deus. Por isso, enquanto caminhamos unidos a eles, esperando a salvação definitiva, empenhamo-nos em antecipar a chegada dos novos céus e nova terra.

A felicidade dos bem-aventurados não se reduzirá a “ver a Deus”, ou seja, a um acto do entendimento sujeito-objecto, mas será uma “fruição do Sumo Bem”, será unir-se a Ele com um acto de vontade.¹¹² O amor jamais passará. Quando Cristo apresentar todas as coisas ao Pai, descobriremos a plenitude do sentido desse diálogo amoroso já iniciado no tempo e que jamais terá fim.

¹¹² *Ord. IV d. 49 q. ex latere, n. 2* (Vivès XXI 163).

CONCLUSÃO

Ao início deste artigo recordávamos que Paulo VI tinha proposto Duns Escoto como modelo do diálogo para o período pós conciliar, tanto pela sua atitude como pela sua doutrina. O Papa assinalava o influxo positivo que Escoto poderia ter para o diálogo ecuménico e para o encontro com a cultura contemporânea, marcada pelo ateísmo prático. Ao longo destas páginas, procurou-se mostrar que essas afirmações do Papa, mais tarde ratificadas por João Paulo II, continuam a ser válidas na sociedade da informação.

A superabundância de meios técnicos e as crescentes oportunidades de encontro pessoal não bastam por si só para garantir um mundo sereno, pacífico e solidário. É certo que aumentaram as possibilidades de comunicação entre os povos e culturas, mas também continua presente o fechar-se ao Outro e aos outros, a luta de interesses, a recolhimento intimista. A isto devem acrescentar-se os perigos da destruição massiva, o terrorismo e a contaminação do meio ambiente.

Reeditando o dito “vícios privados, públicas virtudes”, o liberalismo afirma que a mão invisível do mercado converte automaticamente em utilidade social o que, na verdade, é uma procura descarada do próprio interesse. Em vez da colaboração, o eu autossuficiente procura utilizar tudo a seu capricho, procura a submissão dos demais, exclui a transcendência e trata o próprio corpo como se fosse um objecto apropriado.

A mesma natureza converte-se em objecto passivo do domínio déspota do *homo faber*, que procura submetê-la segundo o capricho do momento, sem sentir-se implicado nela.

Esta mentalidade competitiva bloqueia o diálogo e impede o altruísmo. Reflecte também uma concepção negativa da natureza humana, que é vista como algo que facilmente leva ao egoísmo e à insolidariedade. Para evitar males maiores, procura-se justificar a “inevitável” guerra de interesses, o individualismo feroz e a lei do mais forte. Neste contexto de desconfiança mútua, propõem-se o *homo aeconomicus* e a idolatria do mercado como único horizonte “viável” da actividade humana.

Face a esta visão negativa da natureza humana, Escoto propõe uma antropologia baseada na gratuidade e aberta à transcendência. Somos

dignos porque amados. O nosso valor não depende da nossa eficácia ou utilidade. Também a criação tem um valor que é independente do homem.

O ser humano é imagem perene do Deus que é amor e, portanto, está chamado ao altruísmo e à solidariedade. Se o egoísmo não é inevitável, então não há necessidade de construir um sistema social excessivamente centrado no confronto de interesses individualistas. Em vez de levantar barreiras, podemos potenciar as nossas capacidades inatas para o diálogo e auto-doação.

Com esta premissa, o sujeito pode reconhecer-se criatura amada por Deus, aceitar serenamente os próprios limites e iniciar com os outros um diálogo sincero e enriquecedor, entre iguais. Se o ser é um dom, as realidades meramente comerciais e utilitaristas do *homo aeconomicus* têm de ser subordinadas à gratuidade, à contemplação, à hospitalidade, à festa, ao sentido lúdico, à arte, ao estar juntos, à partilha gozosa e desinteressada.

Trad. GONÇALO FIGUEIREDO OFM